



NAS TRILHAS DOS SUJEITOS DISCURSIVOS: a mulher negra em foco

DISCURSIVE SUBJECTS: black women people in focus

 Bianca Savegnago de Mira¹

 Mary Elizabeth Sampaio de Oliveira²

 Jean Fernandes Brito³

 Tamara de Souza Brandão Guaraldo⁴

¹ Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Doutoranda em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

E-mail: bianca.mira@unesp.br

² Psicóloga clínica de abordagem Junguiana. Mestra em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

E-mail: mary.elizabeth19@gmail.com

³ Doutorando em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina.


E-mail: j.brito@unesp.br

⁴ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

E-mail: tamara.guaraldo@unesp.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: CAPES.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 27/07/2020.

Aceito em: 09/06/2021.

Como citar este artigo:

MIRA, Bianca Savegnago de; OLIVEIRA, Mary Elizabeth Sampaio de; BRITO, Jean Fernandes; GUARALDO, Tamara de Souza Brandão. Nas trilhas dos sujeitos discursivos: a mulher negra em foco. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 6, p. 1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v6i00.2021.60238.1-16>.

RESUMO

Apresenta uma reflexão teórica articulando a análise do discurso, os sujeitos discursivos tendo como enfoque a mulher negra e a sua relação enquanto lugar de fala. A partir de uma abordagem qualitativa, essa pesquisa se sustenta em um viés ensaístico, aplicando técnica de pesquisa bibliográfica por meio da seleção de textos que o embasaram como as teorias de análise do discurso e a obra da autora Djamila Ribeiro "O que é lugar de fala?" Considerando o discurso do filósofo Foucault e o processo

histórico dos sujeitos analisados, torna-se evidente o impacto do racismo, sofrido pelas mulheres negras, e do preconceito, enfrentado pelos indivíduos LGBTQ, e como isso afeta suas posições como sujeitos discursivos. Por fim, entende-se a importância da reflexão e não repressão/controlado do discurso da mulher negra e dos sujeitos LGBTQ, bem como o valor que o analista do discurso precisa destinar a voz social e histórica do analisado.

Palavras-chave: Análise do discurso. Mulher Negra. LGBTQ.

ABSTRACT

It presents a theoretical reflection articulating the discourse analysis, the discursive subjects focusing on the black woman and as their

relationship as a place of speech. From a qualitative approach, this research is based on an essayistic bias, applying bibliographic research technique through the selection of texts that supported it as theories of discourse analysis and the work of the author Djamila Ribeiro "What is a place of speech? Foucault and the historical process of the subjects they face, it becomes evident the impact of racism, suffered by black women and prejudice, faced by LGBTQ clients, and how it affects their positions as discursive subjects. Finally, it is understood the importance of reflection and not repression / control of the discourse of black women and LGBTQ subjects, as well as the value that the discourse analyst needs to allocate the social and historical voice of the analyzed.

Keywords: Speech Analysis. Black Woman. LGBTQ.

1 INTRODUÇÃO

O filósofo francês, Michel Pêcheux, fundador da linha francesa da Análise de Discurso, afirma que essa se sustenta em três áreas do conhecimento: a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso.

A linguística sendo a teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação trabalha a linguagem como sistema de signos e de regras formais, porém o filósofo questiona os linguistas que defendem o sujeito como um ser autônomo do seu discurso, pois para Pêcheux (2010), a linguística tem seus limites e não explica o funcionamento do discurso completamente, pois o discurso está além da língua, pois relaciona a história à sociedade, mas precisa da linguagem para ter uma existência material, "[...] dizemos que o discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguísticas" (FERNANDES, 2007). Por isso, a contribuição do materialismo histórico, para o qual o discurso advém das condições históricas, de uma específica conjuntura social e ideológica; e da teoria dos discursos, como determinação histórica dos processos semânticos. Orlandi (2015) fundamenta que a materialidade da ideologia é o discurso, e a materialidade do discurso é a língua, por isso trabalha-se a relação língua-discurso-ideologia, o que é

complementado com o pensamento de Pêuchex (2010) que diz não haver discurso sem sujeito e que não há sujeito sem ideologia. Para a linguista, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito, é onde a noção de literalidade se apoia, “[...] o falante não opera com a literalidade como algo fixo e irreduzível, uma vez que não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e faz parte das condições de produção do discurso” (ORLANDI, 2009).

O sujeito e, por consequência, sua linguagem e discurso estão associados a um contexto, um lugar social. No livro “O que é lugar de fala?” a escritora Djamila Ribeiro tece uma discussão sobre o conceito de lugar de fala, sendo esse também intrinsecamente ligado ao contexto histórico.

A escritora aborda assuntos como o feminismo, o racismo e a relação entre poder e fala a partir de um ponto de vista histórico e de referenciais teóricos majoritariamente femininos. Djamila se debruça principalmente sobre a figura da mulher negra e do longo processo de exclusão, objetificação e invisibilização a que foi condicionada. A autora mostra como a construção da narrativa histórica do povo negro esteve sob o domínio da visão do homem branco ocidental e a urgente necessidade de se quebrar a hegemonia desse discurso.

Nesse ínterim podemos identificar que para o analista do discurso se mostra impossível a busca de uma imparcialidade, pois o discurso é construído historicamente por sujeitos e para sujeitos, a partir de um lugar social, tempo e época determinados, a partir de uma perspectiva e não uma Verdade, assim é possível que dois analistas tenham diferentes perspectivas diante de um texto, já que não é possível ter todos os pontos de vistas possíveis. Assolini (2008) cita que o analista ao mesmo tempo em que interpreta as marcas formais dentro de seu contexto sócio-histórico, realiza movimentos de checagem da teoria, ajustando a interpretação de fatos.

Posto isso esse texto tem como objetivo apresentar uma reflexão teórica articulando a análise do discurso aos sujeitos discursivos tendo como enfoque a mulher negra e as suas relações enquanto lugar de fala.

Metodologicamente essa pesquisa se sustenta em um viés ensaístico, aplicando técnica de pesquisa bibliográfica por meio da seleção de textos que o embasaram como as teorias de análise do discurso e a obra bibliográfica da autora Djamila Ribeiro “O que é lugar de fala?”, e outros escritos sobre a mulher negra.

Para melhor entendimento desse trabalho, ele se divide em quatro seções, quais sejam: uma seção introdutória, apresentando os objetivos e as temáticas gerais; a seção dois, intitulada: sujeito discursivo, uma abordagem histórica, que disserta sobre o discurso e seu fundamento; e a seção três, que fundamenta a mulher negra e os sujeitos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Queer e outras identidades (LGBT+¹); e por fim, na seção quatro as considerações finais desse estudo.

2 SUJEITO DISCURSIVO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

A linguista, pesquisadora e professora Eni Orlandi foi uma das introdutoras da Análise de Discurso no Brasil, e para ela, o discurso é a língua em movimento, e não se trata apenas da língua enquanto sistema ou da gramática, mas sim do discurso nas suas adversidades (vários discursos), por isso, prefere falar “de” discurso, em vez de “do” discurso, pois não quer a percepção de somente um discurso, como o discurso político. Nesse campo do saber, procura-se entender o sentido simbólico, o exterior da língua, fala ou imagens, mas que precisa do discurso para uma existência material.

Segundo a pesquisadora (ORLANDI, 2015), a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o sujeito e a realidade natural e social, no qual o discurso é sociohistórico e em que os analistas visam compreender como a língua produz sentidos para os sujeitos, a partir da história, ideologia e organização social. Por isso, a linguagem não é, ela está.

Fernandes (2007) exemplifica o discurso como prática social com o emprego dos substantivos ocupação e invasão, e reportagens sobre o Movimento Sem-Terra, essas interpretações estão sujeitas a diversos efeitos de sentido de acordo com a história, ideologia e lugar social a partir do qual os sujeitos compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos, dito isso, pode-se encontrar reportagens que revelam desde uma postura hostil, contrária ou distante as pautas do movimento, com uso de “invasão”, até as que se mostram solidárias ao Movimento Sem-Terra, empregando o termo “ocupação”.

Para a compreensão do sujeito discursivo, requer ao analista compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes, oriundas de diferentes discursos, o que se denomina polifonia, “[...] um bom exemplo dessa perspectiva se encontrará no método

¹ Nessa pesquisa resolvemos utilizar a expressão + ao se referir as outras identidades e expressões de gênero.

hermenêutico proposto por W. Dilthey, segundo o qual, para ler um discurso, seria decisiva a nossa atitude de compreensão e de empatia para com o autor da mensagem”. (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 49).

A etimologia da palavra sujeito vem do latim *subjectus*, que significa “posto debaixo, colocado, situado abaixo”, assim como o sujeito em francês que é *subj* de súdito, sujeição.

O filósofo Michel Foucault, afirma sobre os controles discursivos que esses nem sempre são perceptíveis para as pessoas, pois, “[...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014, p. 34). Esses são os procedimentos de exclusão, separação e rejeição discursivos, daqueles cujos discursos não são considerados válidos em detrimento de outras pessoas. Foucault (2014) analisa esse sistema de exclusão como parte do contexto histórico e institucional no qual as pessoas foram condicionadas culturalmente até os dias atuais. O autor estuda o nascimento das prisões e o sistema jurídico como parte desses sistemas de exclusão, que surgem para separar aqueles que eram considerados criminosos, e se desenvolvem de uma sociedade punitiva para uma sociedade disciplinar, aquela em que o criminoso adentra a uma instituição que o corrige.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2008, p. 119).

A filosofia de Foucault questiona as sólidas instituições sociais do século XX nas quais se garante a ordem e a disciplina, mas que também afeta a constituição da personalidade dos sujeitos, pois rege a forma como cada um deve viver. “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2014, p. 29).

Na filosofia foucaultiana o objetivo é o de questionar as ordens sociais que foram feitas, para não limitar o conhecimento dos indivíduos, pois as relações de poder retiram a liberdade de ser e dita quem deve ser validado ou não.

Para Foucault, o discurso é fundante, as coisas não pré-existem as palavras, são os discursos que produzem as verdades, e a história mostra o que o sujeito se tornou hoje, por isso para ele se olha o indivíduo na história e nunca separado dela, tudo que pensamos e falamos é lapidado a partir de uma condição histórica, e, em grande parte, do inconsciente.

Foucault, ao ter como objetivo fazer uma genealogia do saber sobre o sexo teve como ponto de partida, o problema cristão da carne, para tentar perseguir quais seriam os mecanismos que induziram sobre o sexo um discurso de verdade. A história da sexualidade é uma construção social e histórica e não uma pulsão. Para ele, a tradição cristã introduz práticas de obrigação destinadas a cada sujeito que deve procurar em sua consciência as pistas de sua concupiscência, pois para o cristianismo, o sexo bem-educado eram as práticas heterossexuais e monogâmicas, reprodutivas e pelo matrimônio, qualquer outra prática sexual diferente dessas, como a homossexual, por exemplo, era considerada marginalizada.

Quantos aos tribunais podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o “contra a natureza” era marcado por uma abominação particular. (FOUCAULT, 2009, p. 1988).

A filosofia foucaultiana também tem como objetivo mostrar aqueles que ficaram mudos durante toda a história, que seus discursos foram silenciados, “... é necessário ademais dar a palavra àquele que jamais foi escutado, mesmo se a coerência do seu verbo é louca”, ou “... durante três séculos de misérias se falou de um mudo; e eis que ele recobra sua linguagem abolida, eis que ele se põe a falar dele mesmo, e sobre ele mesmo”. (FOUCAULT, 2008, p. 122).

Com o objetivo de reconhecer a importância e dar visibilidade à multiplicidade de vozes de grupos até então marginalizados, o livro “O que é lugar de Fala?”, vem com o objetivo de abordar aspectos e perspectivas dos mais diversos feminismos, de forma didática e acessível, em uma série de pequenos livros², tendo como pilar principais mulheres negras e indígenas e homens negros como sujeitos políticos.

² Esta série se trata da coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, que tem como objetivo disseminar conteúdo crítico produzido por pessoas negras, em especial mulheres, com preço acessível e linguagem didática, prezando pela construção de instrumentais que auxiliem na compreensão da realidade e de debates profundos relacionados ao Brasil (FEMINISMOS PLURAIS, 2020?).

3 A MULHER NEGRA E OS SUJEITOS LGBTQ+

Sigmund Freud (1895) também responde diretamente sobre a questão de repressão sexual, no qual relata que as pessoas tinham um desconhecimento dos seus próprios desejos, ou de sua sexualidade, fazendo com que esses ficassem reprimidos no inconsciente, enquanto o lado consciente sofria questões psíquicas e muitas vezes físicas, como foi o caso da histeria (neurose complexa caracterizada por um fenômeno de esquecimento, de desconhecimento maciço pelo sujeito de si mesmo, que podia ignorar pelo viés de sua síndrome histérica todo um fragmento do seu passado ou toda uma parte do seu corpo.).

Foucault ao ressaltar a questão do poder como algo que disciplina e não tem a liberdade de ser, entende que a sexualidade não foi diferente. A sexualidade é plural e representa o processo da diversidade. Em uma entrevista de 1981, foi perguntando para Foucault sobre o que ele achava da cultura *gay*, e Foucault responde como uma questão importante, pois para ele, é como se tentasse criar novas possibilidades de relações e não somente aquelas que foram propostas pela sociedade.

Uma cultura que inventa modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneas nem se sobreponham às formas culturais gerais. Se isso for possível, a cultura *gay* não será então simplesmente uma escolha de homossexuais por homossexuais. Isso criará relações que podem ser, até certo ponto, transpostas para os heterossexuais. (FOUCAULT, 2006, p. 122).

No que diz respeito ao discurso de grupos minoritários partimos como exemplo, essa representação discursiva da comunidade LGBTQ+.

Na figura 1 apresenta-se o boneco de gênero, na qual se representa a identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero.

Figura 1 - Identidade de gênero, Orientação Sexual, Sexo Biológico e Expressão de Gênero.



Fonte: <https://zenklub.com.br/identidade-de-genero/>

A figura sumariza as relações de gênero e como essas formas são evidenciadas. A identidade de gênero diz respeito a sua vivência e como você se identifica, podendo ser cisgênero, travesti transexual ou transgênero. A orientação sexual exprime as suas vivências sexuais, sendo heterossexual, bissexual, homossexual (gay ou lésbica). O sexo biológico corresponde à genitália ligada ao seu nascimento e a expressão de gênero a forma como vive em sociedade e as suas relações de sociabilidade.

Brito Afonso e Matias (2019), explicam que a comunidade LGBTQ+ possui demandas informacionais específicas, quais seja ligada à sua forma de expressar, o seu discurso ou ao seu posicionamento como movimento social, que devem ser repensadas em todas as esferas, principalmente no que diz respeito à utilização e acesso, incluindo os ambientes informacionais digitais.

Dentro de um discurso holístico, a comunidade LGBTQ+ se apropria da linguagem de modo a representar o seu espaço e o lugar de fala perante a sociedade homofóbica e transfóbica, residindo o seu poder e resistência. A sociabilidade dos sujeitos LGBTQ+ enquanto uma unidade ressalta.

Essa forma de expressão é denominada Pajubá. – O Pajubá é um dialeto de origem africana, que foi apropriado iniciando pelas travestis e mulheres trans, de modo a tornar o seu discurso válido em sociedade e representativo em sociedade (NETO, 2006). Essa linguagem, utilizada por grande parte da comunidade LGBTQ+ atualmente estabelece um processo discursivo de lugar de Fala.

Nesse ínterim, as travestis e transexuais negros e negras sofrem ainda mais uma transfobia velada e um racismo institucionalizado, a linguagem nesse sentido vai além de um símbolo de resistência, mas sim de sobrevivência. Martines (2020, p.15) explica que [...] “através da linguagem, o ser humano é capaz de representar o mundo ao seu redor, conseqüentemente, é capaz de organizar o conhecimento produzido pela humanidade ao longo dos séculos”.

Como uma categoria teórica que focaliza diversos sistemas de opressão, a interseccionalidade em particular, articula etnia, gênero e classe. Este conceito, segundo Carla Akotirene (2018, p. 54):

[...] demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras.

Realizar o cruzamento das interseccionalidades e vulnerabilidades da mulher negra é tarefa urgente para a ela disponibilizar o apoio estatal referente à sua proteção. Características exclusivas de subgrupo de mulheres, relacionadas às suas “identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são ‘diferenças que fazem diferença’, na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação” (CRENSHAW, 2002, p. 171).

4 DJAMILA RIBEIRO E “O QUE É LUGAR DE FALA?”

Em sua obra *O que é lugar de fala?* Djamila Ribeiro propõe uma reflexão sobre feminismo e racismo a partir da perspectiva da mulher negra. A autora inicia a obra apontando para a invisibilidade da mulher negra e de suas tentativas de expor suas pautas; também cita o discurso e poesia (E eu sou mulher?) de - Sojourner Truth abolicionista norte-americana, que retratou a maneira como as mulheres negras eram

vistas e tratadas pela sociedade e como foram excluídas do movimento sufragista que representava um grupo muito específico de mulheres.

Dessa maneira a autora conduz diretamente o leitor a pensar sobre a demora em ouvir a demanda das mulheres negras dentro do feminismo. Ela também salienta a perspectiva dada por Lélia Gonzalez, pensadora e feminista negra, que criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população.

Segundo Lélia González (1984) a consequência direta da hierarquização dos saberes é a legitimação da visão que aponta a explicação eurocêntrica como superior, ou seja, o pensamento moderno ocidental é visto como o único conhecimento válido e dessa maneira outras formas de conhecimento são invisibilizadas. Para Djamila o pensamento de González mostra quais são as vozes legitimadas e quais são as silenciadas.

Partindo deste ponto de vista onde o privilégio social se estende ao privilégio epistêmico, a autora discute o argumento de que apenas pessoas brancas pensam na coletividade, de acordo com ela a insistência em não discutir como as identidades foram moldadas pela sociedade colonial e o ato de pessoas brancas se colocarem como universais geram esse tipo de fala.

O racismo fica ainda mais evidente quando o argumento abordado é dado em contrapartida a reivindicações de pessoas negras sobre a sua existência e modo de fazer político e intelectual, assim entende-se que a pessoa negra seria separatista e individualista e reforça-se o julgamento errôneo de que a universalidade é representada pelo branco.

Djamila então realiza um recorte a respeito da localização social da mulher negra por meio do termo “O outro do outro” cunhado pela escritora Grada Kilomba que parte da ótica *bevoirista* a respeito da objetificação da mulher. Simone de Beauvoir definiu a mulher como “o outro”, como um objeto, algo que tem uma função pré-determinada; Grada Kilomba, partindo desta definição, diz que a mulher negra representa “o outro do outro” por se encontrar em um lugar de difícil reciprocidade.

Para Kilomba o lugar ocupado pelas mulheres negras possui algo como uma carência dupla uma vez que, estas mulheres não são nem brancas e nem homens, ou seja, são uma antítese dentro da sociedade supremacista branca. Dentro dessa perspectiva mulheres brancas e homens negros são vistos como oscilantes porque as mulheres brancas não encontram reciprocidade por serem mulheres, mas ainda são brancas; da mesma forma os homens negros não encontram reciprocidade por serem

negros, mas ainda são homens. As mulheres negras, nem brancas e nem homens, então exercem a função de “o outro do outro”.

O reconhecimento do status oscilante ocupado pelas mulheres brancas e homens negros, de acordo com Djamila, acaba com a invisibilização da realidade das mulheres negras porque ao enxergar as especificidades de cada grupo percebemos que a mulher negra ocupa um lugar distinto.

Não é difícil encontrar dados que corroborem com o que é dito pelas autoras, pois historicamente, ao estudar as atividades econômicas das mulheres negras em período próximo a se completar os cem anos da Abolição da Escravatura na década de 1980, a intelectual e feminista negra Sueli Carneiro (2019), apontou a desigualdade vivida pela mulher negra e sua dificuldade de mobilidade na sociedade brasileira, sendo limitadas as piores atividades do mercado de trabalho, aos mais baixos rendimentos e a funções subalternas.

Ao comentar os avanços sociais conquistados pelas mulheres nos anos 2000, como a liberdade sexual, a retirada da violência doméstica do interior da família para esfera pública, luta por igualdade no mercado de trabalho, Sueli Carneiro faz uma ressalva:

As mulheres negras, no entanto, pouco se beneficiaram dessas conquistas, permanecendo guetizadas nas ocupações profissionais de menor prestígio, via de regra de ocupações manuais, apresentando um índice de analfabetismo três vezes maior do que as mulheres brancas, e percebendo os piores salários dentre a população economicamente ativa (CARNEIRO, 2019, p. 112).

Em um estudo recente apresentado pelo IPEA (2017) a respeito da vulnerabilidade social por regiões metropolitanas, macrorregiões e Unidades Federativas que considerou o período de 2011 a 2015 mostrou que a situação de vulnerabilidade das mulheres negras é ainda mais sensível do que a de mulheres que vivem na área rural. Em 2015 a situação de vulnerabilidade social enfrentada pelas mulheres negras era considerada alta, enquanto que, nas mesmas condições, mulheres brancas figuraram na faixa de média vulnerabilidade.

De acordo com o mesmo estudo “entre negros e brancos, as maiores diferenças no período de 2011 a 2015 se concentram na dimensão Capital Humano, com leve redução da vulnerabilidade social (49%) em 2011 e novo crescimento em 2015 (57%)”.

Outro estudo também realizado pelo IPEA (2018) com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD contínua) entre o primeiro trimestre de

2012 e o segundo trimestre de 2018 apontou que a vulnerabilidade das mulheres negras ao desemprego é 50% maior.

Outra autora citada por Djamila em sua obra é Audre Lorde, apresentada como “feminista negra caribenha e lésbica”. Lorde suscita a importância de não se hierarquizar opressões e que não se pode negar uma identidade para afirmar outra usando como exemplo sua própria experiência sobre a dificuldade de se sentir pertencente a apenas um determinado movimento, posto que cada movimento está vinculado a uma pauta específica, ou seja, o movimento negro aborda questões de raça, enquanto o movimento feminista segue o recorte de gênero e o movimento LGBTQ à orientação sexual.

Segundo a autora de “O que é lugar de fala?” é preciso entender que raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam e geram formas diversas de experimentar opressões e que não há preferência de luta, uma vez que as opressões funcionam de forma combinada, por isso não faz sentido hierarquizar as opressões, o debate deve ser centrado na posição ocupada por cada grupo observando esses entrecruzamentos.

Considerando os recortes sociais estabelecidos pelos movimentos sem deixar de lado o contexto histórico que construiu os sujeitos e deu poder aos que têm voz e silenciou os que não têm, Djamila parte para a discussão a respeito do que é o “lugar de fala”. É importante salientar que ao termo Discurso dentro da obra faz referência à noção foucaultiana de discurso em que se vê o discurso “como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle”.

O termo “lugar de fala” não possui uma origem específica, o mais provável é que tenha surgido a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* (ponto de vista feminista, em tradução literal) e que a partir de discussões sobre diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial tenha sido moldado entre os movimentos sociais como forma de ferramenta política e meio de se posicionar contra uma autorização discursiva, principalmente no debate virtual.

“Assim entendemos que todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social, [...] pensar lugar de fala é romper com o silêncio instituído a quem foi subalternizado.” (Djamila Ribeiro, 2019, s. p).

A autora recupera o trabalho de Collins que explica que o termo lugar de fala considera pontos de partida, não individuais, mas coletivos, que indicam quais as condições sociais que delimitam o acesso de certos grupos a lugares de cidadania. O debate não está na discussão de experiências individuais, mas na estrutura social e em

entender de que forma o lugar social de determinados grupos afeta seu acesso às oportunidades. A subjetividade é central nos processos de socialização, mas não impede as transformações e os conflitos sociais e nem os torna incomuns, assim, o lugar de fala não existe numa condição isenta de conflitos, pois se relaciona as posições que eu e o outro ocupamos no espaço social:

Nossa capacidade de nos colocar no lugar do outro é sempre desafiada. Afinal, é fácil interagir com aquele que compartilha de experiências de vida parecidas com a nossa. É fácil julgar e condenar as atitudes a partir da nossa própria perspectiva, sem nenhum esforço para compreendermos e nos colocarmos no lugar do outro. É fácil adotar um discurso meritocrático, quando largamos de uma posição privilegiada. É fácil adotar um discurso punitivista, quando queremos afastar aquele que nos incomoda sem, de fato, olhar para ele. Difícil é nos deixarmos nos afetar positivamente pelo outro que é diferente de nós” (HAUBER, 2018, p. 125).

Para a Análise de Discurso (AD) estamos inscritos em posições que nos permitem determinados discursos e não permitem outros (Pêcheux, 2010). Assim se dá a aproximação da AD com o conceito de lugar de fala, pois o lugar simbólico que os indivíduos ocupam no discurso é também um lugar social. É um endereço simbolicamente definido e socialmente reconhecido que permite aos sujeitos tomar uns em relação aos outros. Nessa perspectiva, quais os sujeitos que podem proferir determinados discursos?

Voltando ao lugar ocupado pela mulher negra e pensando na diversidade das experiências, é possível romper com a visão universal, as experiências da mulher negra são diferentes das experiências vividas pela mulher branca porque elas ocupam lugares sociais diferentes e por isso cada uma experienciará o gênero de uma forma.

A dimensão individual não estabelece o lugar social, mas não pode ser ignorada, principalmente porque ocupar uma localização comum em relações de poder hierárquicas não acarreta necessariamente em experiências iguais. No entanto, Collins pontua que é justamente por ocupar a mesma localização social que indivíduos compartilham de experiências similares nessas relações de poder, e são essas relações de similaridade que são objeto de análise.

Inclusive, o fato de uma pessoa negra dizer que não sofre racismo não significa que essa pessoa não tenha tido menos oportunidades e direitos por conta de sua localização social. O que ocorre nessa situação, segundo Collins, é que estas pessoas

reduzem seu ponto de vista às suas experiências individuais em vez de pensarem a respeito do lócus social.

A principal intenção da obra é romper com o discurso hegemônico, ou seja, romper com o regime de autorização discursiva, com a unicidade de voz que se pretende universal, considerando o lugar de fala da mulher negra, e permitindo a multiplicidade de vozes e novos pontos de vista e narrativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o lugar de fala da mulher negra e os sujeitos LGBTQ parte de um posicionamento frente aos tempos de discurso de ódio que temos enfrentado, e esse ensaio traz uma discussão sobre sujeitos subalternizados, de um ponto de vista histórico e discursivo.

Uma tessitura apresentada por Djamila esboça assuntos como o feminismo, o racismo e a relação entre poder e fala a partir de um ponto de vista histórico e de referenciais teóricos majoritariamente femininos. Djamila se debruça principalmente sobre a figura da mulher negra e do longo processo de exclusão, objetificação e invisibilização a que foi condicionada. A autora mostra como a construção da narrativa histórica do povo negro esteve sob o domínio do homem branco ocidental e a urgente necessidade de se quebrar a hegemonia desse discurso.

A análise foucaultiana do discurso diz respeito aos acontecimentos históricos na medida em que as produções do discurso foram controladas e selecionadas com o objetivo de dominar. Assim como esclarece Fernandes (2012), o discurso para Foucault aparece envolto de saber e poder.

Para a Análise de discurso existem lutas discursivas a respeito do que é a verdade, e nem todas as alegações têm o mesmo valor. Ao estudar o discurso, se constrói uma hipótese com base em pistas fornecidas pela linguagem, compreendendo a construção discursiva a partir de uma perspectiva e não uma Verdade antes e fora do discurso. Assim, podem-se ter diferentes perspectivas diante de um texto, pois “as verdades estão emaranhadas em dinâmicas sociais e lutas políticas como resultado de que nem tudo é aceito como conhecimento igualmente verdadeiro e valioso” (ANGERMULLER, 2018, p. 41).

Para Pêcheux (2010, p. 53): “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro”. Contudo, não é possível ter todos os pontos de vistas possíveis, pois o discurso é histórico e há sentidos que se cristalizam e adquirem maior poder frente a outros. Pensar o discurso envolto aos processos histórico-sociais e ao lugar de fala levamos a analisar as diversas formas de dominância e sujeição nas relações interpessoais, portanto o olhar do analista é enxergar a história e o seu âmbito social.

REFERÊNCIAS

- ANGERMULLER, J. A verdade na era da pós-verdade: por um Programa Forte em Estudos do discurso. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, nº 7, ano 2018 pp. 36-62.
- AKOTIRENE, Carla. *O Que é Interseccionalidade*. São Paulo: Letramento, 2018.
- ASSOLINI, F. E. **Análise Discursiva dos Saberes e Fazer Pedagógicos de Professores no Ensino Fundamental**. 2008. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-11062013-164047/publico/l.pdf>> Acesso em 09 de set 2019.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980a.
- BRITO, J.; AFONSO, R.; MATIAS, M. Arquitetura Da Informação Com Enfoque Semiótico No Guia Gay São Paulo. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 13, n. 1, p. 68-76, 29 mar. 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen livros, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, Jan. 2002.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/RmjB7R>. Acesso em: 15. jun. 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. Nova York: Routledge, 2000.
- COLLINS, Patricia Hill. **Comentários sobre o artigo de Hekman “Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited”**: Onde está o poder? *Signs*, v. 22, n. 2, p. 375-381, 1997. [Tradução de Juliana Borges].
- DUNKER, C. I.L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise Psicanalítica de Discursos: Perspectivas Lacanianas**. 1. Ed. – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- FEMINISMOS PLURAIS. O que é a coleção? [S.I.] [2020?]. Disponível em: <https://feminismosplurais.com.br>. Acesso em 25 nov. 2020.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso - reflexões introdutórias**. São Paulo, Editora Clara Luz, 2007.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 - 24 ed.** - São Paulo: Edições Loyola, 2014 — (leituras filosóficas)

FOUCAULT, M. **O Homem e o Discurso**: (a arqueologia de Michel Foucault). – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade do saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREUD, S (1917[1916-7]). **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. In: FREUD, S. **Edição standartbrasileiras das obras psicológicas completas** de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. 1969 (Trabalho original publicado em 1895).

GELEDES. **Sojourner Truth**. Disponível em: <https://goo.gl/1eQobC>. Acesso em: 15. jun. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GREENBLATT, E. The Treatment of LGBTIQ Concepts in the Library of Congress Subject Headings. In: GREENBLATT, E. **Serving LGBTIQ Library and Archives Users: Essays on Outreach, Service, Collections and Access**. McFarland, 2011, p. 212-228.

IPEA. Ipea apresenta dados de vulnerabilidade social por cor, sexo e domicílio. **Ipea**, 23 de Agosto de 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3079 Acesso em 4 de dezembro de 2019.

IPEA. Jovens e mulheres negras são mais afetados pelo desemprego. **Ipea**, 31 de Outubro de 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3437 Acesso em 4 de dezembro de 2019.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: UnrastVerlag, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/w3ZbQh>

LORDE, Audre. **Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre**. Tradução de Renata. **Geledes**, 10 set. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/zaR3sV>. Acesso em: 15. jun. 2020.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo. Tradução de Renata. **Geledes**, 19 maio 2013. Disponível em: <https://goo.gl/MfpQbV>. Acesso em: 15. jun. 2020.

MARTINES, A.R. **Lingüística e Semiótica documentária contribuições da teoria da linguagem**. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

MOTTA, M. B. **Ética, sexualidade, política / Michel Foucault; organização e seleção de textos**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006.

NETO, Antonio Gomes da Costas. **A Linguagem no Candomblé: um estudo linguístico sobre as comunidades religiosas afro-brasileiras**, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso - princípios & procedimentos**. Campinas, Pontes Editora, 2015.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2010. p. 59-158.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.